

O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO E O MERCADO DE TRABALHO¹

THE INFORMATION PROFESSIONAL AND THE LABOUR MARKET

Miriam Vieira da Cunha²

Estamos vivendo um momento de grandes mudanças. Mudanças tecnológicas, econômicas e sociais que alteram nossa capacidade de pensar, de agir, de nos comunicarmos. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o significado destas mudanças para o profissional da informação e levantar algumas questões. Este questionamento se originou da pesquisa que realizamos sobre o perfil do profissional da informação no mercado de trabalho brasileiro e francês (Cunha, 1998).

O mundo globalizado no qual vivemos exige profissionais cada vez mais qualificados e com habilidades de tomar decisões e de bem se relacionar. O desenvolvimento da sociedade de informação criou um ambiente que desestabiliza muitas de nossas idéias sobre informação e sua disponibilização. Há algum tempo, a idéia que tínhamos de unidade de informação era a de um espaço fechado nele mesmo - uma biblioteca, um centro de documentação. A partir dos anos 60, se desenvolveu o conceito de rede e de sistema de informação e nossa idéia de unidade de informação evoluiu para a de biblioteca ou centro de documentação que compartilha informações com todos os componentes desta rede. Atualmente, a unidade de informação está aberta para o mundo, tornou-se um ponto focal de acesso aos sistemas de informação do mundo todo via Internet, ou uma biblioteca sem paredes para usar a expressão de Cronin (1993).

Este momento é um momento de transformações - e é difícil saber como as profissões e o espaço de trabalho do profissional da informação vão evoluir. Neste momento é necessário esclarecer que utilizamos o termo profissional da informação, e não o de bibliotecário por várias razões.

Em primeiro lugar, porque é preciso nos convenceremos que, como bibliotecários, fazemos parte de um grupo cada vez mais diversificado de profissionais que lidam com a informação, entre eles os arquivistas, os documentalistas, os gerentes de bases de dados, os consultores de informação, e os profissionais da comunicação, entre outros. Em segundo lugar, porque o trato com a informação na sociedade contemporânea requer a atuação de profissionais com uma grande variedade de competências. Alguns autores americanos como Piggot (1996) definem esta área com três eixos - Comunicação, Computação e Ciência da informação. Nós acrescentaríamos a Gestão da Informação a este trio. A combinação destas quatro áreas significa serviços de informação gerenciados, com suporte tecnológico, analisados e disseminados de forma eficaz.

Qual destas grandes áreas vai dominar? A informática, a comunicação, a gerência, a ciência da informação? No momento o que se vê - ao menos nos perfis profissionais que identificamos na nossa pesquisa (Cunha, 1998) é que, para atuar nos novos espaços profissionais é necessário ser híbrido - ter qualidades dentro de todas estas áreas. Além disso, é cada vez mais

¹ Palestra proferida na Associação Catarinense de Bibliotecários, em 12 de março de 1999

² Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina

necessário que o profissional de informação tenha conhecimentos da área de atuação da instituição em que trabalha. Sem dúvida, isso é um grande desafio.

Em função desta abertura surgem, inevitavelmente, várias perguntas:

nos tornaremos dispensáveis como profissionais? ou seremos parte de um grande espaço em que atuam profissionais de várias áreas? dentro deste espaço existirá a liderança de algum tipo de profissional? os informáticos ocuparão uma posição privilegiada? ou os comunicadores? ou serão os bibliotecários? ou os documentalistas? ou ainda os gerentes? o futuro demandará profissionais com uma grande cultura geral? ou extremamente especializados?

O que se vê, no momento, é uma tendência dos empregadores em nível mundial de considerar mais importante, na hora de recrutar, as qualidades pessoais, a cultura geral e a capacidade de tomar decisões, de resolver problemas em detrimento da formação especializada.

A diversificação de categorias de profissionais que lidam com a informação, que vem aumentando dia a dia, se dá em função da diversificação do mercado, e das funções ligadas à informação, consequência do desenvolvimento do que se convencionou denominar “sociedade de informação”. Fazendo parte de um grupo de profissionais que se diversifica cada vez mais, devido a necessidades mais pontuais estamos frente a uma concorrência cada vez maior. A pesquisa que realizamos sobre o perfil do profissional da informação brasileiro e francês evidencia bem estas tendências (Cunha, 1998).

Dentro desta realidade, torna-se cada vez mais difícil - e isso é válido para quase todas as atividades - ter uma fatia de mercado de trabalho reservada. No nosso entender o espaço profissional se define em função da competência e da competitividade de cada um.

Como vamos mostrar isso? Como vamos nos valorizar para ser valorizados? Como vamos “aparecer” no mercado, ser procurados?

Estas mudanças e a diversificação do mercado de trabalho são responsáveis pelo surgimento da expressão “novo profissional da informação” ou MIP - “*Modern Information Professional*,” expressão criada pela FID – Federação Internacional de Documentação e Informação. Este termo aparece na literatura internacional de Ciência da Informação em inúmeros artigos, teses, livros e trabalhos de congressos. Esta idéia de novo profissional tornou-se tão importante que a FID criou um comitê de estudos especialmente para analisar este fenômeno - o FID/MIP (FID, 1992).

Porque, de repente se começou a falar tanto do novo profissional da informação? Quem é este novo profissional da informação? O que o diferencia do velho profissional, do profissional tradicional?

O conceito de novo profissional da informação surgiu de uma idéia de mudança, de valorização e de diversificação destas atividades. Esta idéia está ligada à qualidade do trabalho, a mais profissionalismo, a uma maior consciência profissional, à diversificação das funções e do espaço de atuação deste profissional. É um termo muito utilizado na literatura, mas ainda não muito bem definido. Como afirma Roberts (1994), por exemplo, se o novo profissional deve se preocupar com a qualidade do seu trabalho, preferencialmente com o seu usuário, em dar respostas mais elaboradas, então poderíamos afirmar que o novo profissional é o profissional eficiente.

Tudo indica que a valorização de nosso trabalho, de nossas atividades como profissionais da informação passa necessariamente por uma preocupação com a qualidade, num momento de mudanças em que as atividades de informação se diversificam cada vez mais.

O que nos parece importante para a valorização profissional?

a integração dentro da organização – queremos dizer com isso que a unidade de informação, biblioteca, centro de documentação ou centro de informação deve trabalhar em consonância com as atividades da organização a que pertence, deve ser o ponto focal, ou um dos pontos focais, o nó de uma rede de troca de informações. É necessário perceber que a atividade de informação perpassa todas as atividades da organização. Assim como afirmamos acima que o bibliotecário é um dos

profissionais que trabalha com informação dentro das organizações, é necessário não esquecer que a unidade de informação “clássica” (biblioteca, centro de documentação, centro de informação) é um dos setores que trabalha com informação dentro das organizações. Na realidade, todos os setores de uma organização trabalham com informação: a contabilidade, o marketing, a secretaria, a administração, e o departamento de pesquisa, entre outros, lidam com informação, processam e divulgam informação. Por esta razão, a unidade de informação deve trabalhar de forma integrada com as outras unidades para que a busca, a análise e a difusão da informação aconteçam da forma mais racional possível, isto é, sem duplicação de trabalho;

a necessidade de trabalhar em parceria com outros profissionais - sejam eles informáticos, economistas, advogados, jornalistas - isto dependerá de cada instituição. Existe no novo mercado de trabalho da informação uma tendência nítida de trabalho interdisciplinar. Na realidade, a atividade de informação é muito vasta, envolve muitos aspectos para que seja coberta por um único profissional com uma formação única;

esta abertura e esta troca com profissionais de várias áreas proporciona, nas atividades de informação, no nosso entender e no entender de profissionais que entrevistamos no Brasil e na França - possibilidades de um trabalho mais diversificado e mais rico (Cunha, 1998).

o trabalho em cooperação com profissionais de outras unidades de informação em redes formais ou informais - queremos dizer com isso que nenhuma unidade de informação é uma ilha; ela deve estar ligada e refletir a realidade da instituição a que pertence, deve estar inserida nesta realidade e em consonância com outras unidades de informação que trabalhem no mesmo ramo de atividade;

a necessidade de “repartir” informação, de ser um “*gatekeeper*”, de exercer permanentemente a educação do usuário para que ele seja cada vez mais independente no acesso à informação. Podemos até pensar que com o desenvolvimento da Internet vamos nos tornar dispensáveis. Nossa pesquisa, nossas discussões com profissionais de informação dos dois lados do Atlântico mostrou o contrário - que a Internet abre novos campos de trabalho e, se tivermos competência, temos um espaço cada vez maior a ocupar.

A necessidade de oferecer ao usuário informação com valor agregado, isto é avaliada, criticada. Na realidade existe informação demais disponível e o que nos diferencia como profissionais é acrescentar algo mais à informação que tratamos, dar valor a esta informação, oferecendo soluções aos problemas dos nossos usuários.

Naturalmente a ocupação deste espaço exige novas competências, novos conhecimentos e principalmente novas interações. É necessário não esquecer que o trabalho de informação é um trabalho de troca. É através desta troca que crescemos, que obtemos mais informações. A filosofia da Internet esta baseada na disponibilização, na troca de informações. E a Internet está cada vez mais inserida no nosso fazer profissional.

Há pouco nos referimos a novas competências para poder acompanhar as novas tecnologias. Quem menciona novas competências pensa necessariamente em educação continuada. Neste sentido, é fundamental investir nesta educação, num processo de formação permanente.

A estas alturas é necessário perguntar: e nosso espaço de trabalho como será garantido? Pela competência, pela criatividade, pela interação, pelo reforço do papel de “*gatekeeper*”, pela troca.

Nos parece necessário afirmar ainda que a unidade de informação, seja ela biblioteca, centro de documentação, centro de informação, centro de referência ou seja qual for outro nome que tenha apareça, se mostre. Como? Através da integração na instituição onde o profissional trabalha, como já mencionamos. Além disso, é necessário se integrar com outros profissionais e com outras unidades de informação, é necessário criar e difundir produtos e serviços de valor agregado. A Internet é um excelente veículo para isso - através da criação de *sites*, de serviços de pergunta e resposta, de grupos de discussão, de *links* com sites da área, de informações sobre

eventos da área de atuação da instituição onde o profissional exerce suas funções, é possível realizar um trabalho dinâmico de disseminação e troca de informações.

Como trabalham os profissionais franceses?

O último ponto que gostaríamos de abordar são algumas características dos profissionais de informação franceses e como as profissões da informação são valorizadas na França. Na grande maioria das unidades de informação que visitamos na França - todas unidades de informação especializadas em alguma área do conhecimento - o profissional de informação trabalha sozinho. Mas, em geral, este profissional possui uma “rede” formal e informal de troca de informações dentro e fora da organização.

Uma outra característica dos profissionais franceses é que eles tem em geral uma dupla formação - em documentação e em outra disciplina - a formação em documentação é, na maioria das vezes, feita em nível de pós-graduação. Neste sentido, eles tem uma bagagem cultural maior que o nosso profissional bibliotecário - e está, por esta razão, mais preparado para exercer suas atividades. Além disso, na França, existe uma lei que obriga as instituições de mais de 50 pessoas a oferecer formação continuada a seus funcionários. De dois em dois anos, todo profissional pode pedir uma licença para aperfeiçoamento na sua área e tem sua formação paga pela sua organização. Em função desta lei a oferta de cursos na área de Ciência da Informação é abundante e variada.

Infelizmente não é o que acontece no Brasil. Aqui a oferta de cursos de formação continuada (embora tenha aumentado nos últimos anos) ainda é insuficiente para as necessidades. Além disso, no nosso país não existe um planejamento da oferta regular deste tipo de curso. Uma consulta que fizemos na Internet, relativa a oferta de formação continuada em Biblioteconomia / Ciência da Informação das universidades brasileiras, evidenciou que existe uma duplicação da oferta de cursos (Cunha, 1998).

Por exemplo, relativamente ao ano de 1998, cinco universidades brasileiras ofereceram cursos de especialização em gestão da informação. Sem dúvida, conhecer e se aperfeiçoar em gestão da informação é fundamental e esta necessidade foi evidenciada na nossa pesquisa sobre o profissional da informação. Entretanto talvez uma pesquisa que elencasse as necessidades de formação dos profissionais possa evidenciar outras prioridades como, por exemplo, cursos de novas tecnologias da informação ou de análise da informação.

Outra característica da atividade de informação na França é a existência de um movimento associativo forte e atuante. Isso faz com que os profissionais da informação franceses tenham mais visibilidade no mercado. As associações profissionais tem serviços de ofertas de emprego regulares e eficazes. Desta forma, quando os empregadores buscam um profissional, eles anunciam nos boletins das associações que tem também páginas de ofertas de emprego na Internet. Além disso, as escolas de Documentação e Biblioteconomia (que na França são duas formações distintas) também possuem serviços de ofertas de emprego. Desta forma, nas escolas mais prestigiadas, como por exemplo, o INTD – *Institut National de Techniques Documentaires* (uma das melhores escolas francesas da área) grande parte dos alunos sai da escola com um emprego, oferecido, em geral, por grandes empresas que procuram diretamente os formandos destas escolas. Muitas vezes, este contato se faz no momento da realização dos estágios.

Se estabelecermos uma comparação com a atividade de nossas associações (embora esta atividade tenha se desenvolvido mais nos últimos anos) nos parece que ela é ainda muito tímida. Naturalmente o impulso do trabalho de nossas associações depende de uma política mais agressiva de participação dos profissionais.

Ainda com relação à França, existe também, por parte dos profissionais, uma grande preocupação em divulgar a informação que tratam, através de produtos e serviços. Em geral, as unidades de informação tem problemas de pessoal, mas tem facilidades de compra de equipamentos. É certo que a França, começou a utilizar a Internet tardiamente. Mas os

profissionais que já tem esta cultura estão utilizando ativamente este meio para busca e disseminação da informação.

Embora os profissionais franceses reclamem da falta de preparo profissional, principalmente com relação às novas tecnologias, nos parece, ao menos na população que entrevistamos na nossa pesquisa, que eles estão mais preparados que os brasileiros e isto por várias razões já evocadas principalmente: a possibilidade de ter acesso à educação continuada; uma dupla formação.

Outro ponto interessante de comparação é o da imagem do profissional da informação na sociedade. Apesar de não termos pesquisado especificamente este tema, foi possível perceber, através das entrevistas que realizamos que, embora os profissionais franceses tenham talvez um reconhecimento profissional maior, eles também reclamam da falta de visibilidade profissional.

As mudanças que estamos vivenciando na profissão e nas unidades de informação, no contato com os usuários - reforçadas e impulsionadas pelas novas tecnologias e principalmente pela Internet - representam um desafio sem precedentes. Além de trabalharmos em bibliotecas sem muros, cada vez mais conectados com o mundo, com todos os setores das instituições onde trabalhamos e com outras unidades de informação, estabelecendo pontes ou redes formais ou informais, nossa valorização profissional depende muito de uma cabeça aberta - sem muros - com capacidade de buscar o novo, de ter curiosidade, de estar em contato com outros profissionais e principalmente de não ter medo de inovar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRONIN, B. STIFFLER, M, DAY, D. The emergent market for information professionals: educational opportunities and implications. *Library Trends*, Chicago, v. 42, n. 2, p. 257-276, Fall 1993.
- CUNHA, Miriam Vieira da. *L'émergence des nouveaux professionnels de l'information: fonctions, compétences, marché. Etude comparée des situations brésilienne et française*. Paris: Conservatoire National des Arts et Métiers, 1998. (Tese de Doutorado em Informação Científica e Técnica). Conservatoire National des Arts et Métiers, 1998.
- FID. *State of the modern information professional: an international review of the state of the information professional and the information profession in 1992-1993*. The Hague : FID, 1992.
- PIGOTT, Sylvia. *A new paradigm of excellence in information services*. [online] [acessado em dezembro de 1996] Disponível na Internet <<http://www.si.umich.edu/cristaled>>
- ROBERTS, W. Conférence inaugurale. Congrès de Vichy. *Bulletin d'Informations de l'Association des Bibliothécaires Français*, Paris, n. 164, p. 35-45, 3ème trim. 1994.